

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE ÍNDIGENA
POLO CUBATÃO-TURMA III**

YURI FAUSTINO NERES

ALCOOLISMO E VULNERABILIDADES À SAÚDE DO ÍNDIO

**SÃO PAULO
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE ÍNDIGENA
POLO CUBATÃO-TURMA III**

YURI FAUSTINO NERES

ALCOOLISMO E VULNERABILIDADES À SAÚDE DO ÍNDIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de especialização de Saúde Indígena, da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, para obtenção do título de Especialista em Saúde Indígena, sob a orientação da professora Luzia Aparecida Oliveira.

**SÃO PAULO
2014**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido força, ânimo e saúde para conquistar cada etapa diante das dificuldades.

Ao corpo docente que oportunizaram o curso, incentivaram os alunos, em incansável suporte e palavras de força e estímulo para que nenhum cursando viesse a desligar-se do curso, mesmo sabendo que alguns destes não iriam chegar ao fim desta etapa.

Aos meus pais pelo incentivo, amor e dedicação.

Enfim, a todos que de alguma forma especial contribuíram direta ou indiretamente para minha formação inicial, e que abriram novos horizontes na busca de crescimento pessoal e profissional, meu muito obrigado.

RESUMO

O consumo de bebidas alcoólicas faz parte da sociedade como um todo em festividades, e diversos tipos de comemorações. Entretanto, o uso descontrolado do mesmo torna-se um problema de saúde pública em virtude das consequências negativas advindas pelo uso excessivo de álcool. Diante deste contexto realizou-se um estudo sobre o alcoolismo e vulnerabilidades à saúde do índio, por meio de um levantamento bibliográfico, para verificar o que a literatura brasileira tem discutido sobre esse tema. Observou-se que o uso de bebidas fermentadas já era utilizado há muitos anos, nas festividades e rituais das várias etnias indígenas. Porém, com o conhecimento e a inserção de bebidas destiladas nesta comunidade, houve a mistura às bebidas fermentadas, passando o álcool a estar presente não somente em festas, mas de modo desmedido, ocasionando consequências negativas, como violência e cirrose hepática. Portanto, conclui-se que seja necessário conhecer a realidade de cada comunidade indígena, para assim traçar estratégias conforme a especificidade real de cada povo.

Palavras – chave: vulnerabilidade, alcoolismo, população indígena.

LISTA DE SIGLAS

CIMI-Conselho Indigenista Missionário

FUNAI-Fundação Nacional do Índio

OMS- Organização Mundial de Saúde

FUNASA- Fundação Nacional de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICO.....	10
3. METODOLOGIA	11
4. RESULTADOS	12
5. EXPERIÊNCIA PESSOAL.....	19
6. ANÁLISE E CONCLUSÕES	20
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1 INTRODUÇÃO

O uso de bebidas alcoólicas vem causando sérios danos à sociedade principalmente no que tange a saúde. Consequentemente, problemas sociais se revelam à face do alcoolista, dentre estes, a violência, as doenças ao vulnerável e a desestruturação social. De forma específica e um tanto quanto pejorativa se vê a questão do alcoolismo nas comunidades indígenas, o que culmina em maiores danos ao meio social destes pelo fato dos diversos problemas sociais hoje presentes nas aldeias indígenas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define o alcoolista como um bebedor excessivo, cuja dependência em relação ao álcool é acompanhada de perturbações mentais, da saúde física, da relação com os outros e do comportamento social e econômico (SANTOS *et al.*, 2007).

No Brasil são reconhecidos 230 grupos diferentes, os quais se comunicam através de 180 idiomas indígenas. Esses grupos representam mais da metade de todos os grupos étnicos existentes na América Latina e Caribe, portanto, atualmente as várias etnias indígenas existentes no Brasil, vão desde etnias que ainda permanecem isoladas da cultura ocidental, até os indígenas semi-urbanos plenamente integrados nas economias regionais. Porém todos ainda guardam suas culturas e ritos. No tocante ao uso de bebidas alcoólicas, é um ato comum na sociedade, não sendo exclusividade da população indígena a vulnerabilidade a saúde em virtude do consumo de álcool (GUIMARÃES; GRUBITS, 2007).

Contudo, cabe ressaltar que o alcoolismo representa uma das maiores patologias que acomete grande parcela das populações indígenas, afetando a todos, especialmente os jovens que veem sem muitas alternativas e pouco promissoras, devido à baixa escolaridade, o pouco acesso ao emprego e o sedentarismo, o que faz com que o álcool seja “companhia” presente entre as populações indígenas, trazendo em conjunto outros problemas, como aumento da violência nas aldeias indígenas, o suicídio, dentre outros (RAMON; FAUSTINO, 2011).

Desse modo, o alcoolismo é uma das patologias mais presentes entre os indígenas nas regiões norte, centro-oeste, sudeste e sul, este fato pode ser explicado porque nestas regiões os indígenas possuem maior contato com não índios. Cabe ressaltar que o alcoolismo entre indígenas também é algo difícil de ser mensurado, porque esta também pode ser tida como uma “doença social”, pois em várias etnias, há dificuldade em separar o significado do “beber” em rituais e a atual forma de beber. Assim como há o caráter lúdico que é conferido ao uso de bebidas com álcool, que faz o “índio ficar alegre” e o “ato de beber” com os amigos após o futebol nos fins de semana. Também é sabido que o vinho e cerveja não são considerados bebida alcoólica para os índios que reconhecem somente a pinga com essa classificação (GUIMARÃES; GRUBITIS, 2007).

O alcoolismo é uma das patologias que mais angustiam a sociedade em geral, por suas peculiaridades e história através dos tempos. As bebidas fermentadas foram identificadas em quase todas as espécies de culturas. Mesmo no conhecimento popular é aceito que as bebidas fermentadas auxiliam no trabalho duro e diário; alivia a fome, dá energia aos fracos; dá calor no frio, refresca no calor, diferencia a criança do adulto, separa homens de “maricas”, serve de consolo nas vicissitudes e muitas representações (OLIVEIRA et al., 2012).

Já no Antigo Testamento a bebida fermentada era associada ao sexo e à luxúria, todavia foi somente no Século XVIII onde esta bebida alcoólica tornou-se objeto de maior atenção por parte da medicina, foi entendida como um problema. Todavia, foi somente em 1967 compreendido o efeito da bebida fermentada como um problema de saúde (GUIMARÃES; GRUBITIS, 2007).

Entre os índios da América do Sul o uso da bebida fermentada é apresentado como sagrada, em ritual ou mesmo em datas festivas. Os índios Kaingang utilizavam tais bebidas em um rito em homenagem aos mortos desde o início do século, mantendo o hábito nos dias atuais (MENDES; MACEDO, 2012).

No início do século XVI havia no Brasil cerca de 5 milhões de indígenas. Em 1995 a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) contabilizou um número de 325.652 índios. Já no ano 2000, esse número havia subido para 345 mil indígenas baseados em 210 sociedades, representando 0,2% da população brasileira (BRASIL, 2001).

No ano de 2004, segundo relata o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) no país há cerca de 345 mil índios, distribuídos em 215 sociedades, tais dados apontam somente aqueles que residem em aldeias. Havendo uma perspectiva de um número em torno de 100 a 190 mil fora dos limites das terras indígenas. Cerca de 60%, (89.529 indivíduos) vive na região da Amazônia Legal, no Estado de Mato Grosso do Sul observa-se a segunda maior centralização indígena do Brasil com o número de 51.000 indivíduos (LANGDON, 2001).

Os fundamentais grupos indígenas brasileiros em expressão demográfica são: Os denominados Tikuna, Tukano, Macuxi, Yanomami, Guajajara, Terena, Pankaruru, Kayapó, Kaingang, Guarani, Xavante, Xerente, Nambikwara, Munduruku, Mura e Sateré-Maué (FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE, 2002).

Com base em dados recentes do Relatório de gestão do Ministério da Saúde-Fundação Nacional de Saúde (MS-FUNASA, 2006), a população indígena brasileira que reside em aldeias reconhecidas oficialmente, somam aproximadamente 460.000 índios, que pertencem à cerca de 210 povos que compreendem a 170 línguas diferentes. No Brasil existem 662 terras indígenas que corresponde a 12% do território nacional. Os indígenas estão presentes em todos os estados brasileiros, exceto nos estados do Piauí e Rio Grande do Norte.

Considerando as bases de dados oficiais da FUNASA (2008) no Brasil já são contabilizados 540 mil indígenas, que estão distribuídos em 220 povos, com diversidades étnicas significativas. Estes dados são atualizados anualmente diante do relatório de gestão da saúde indígena. Outras fontes confrontam os números citados, porém, pode-se considerar que os dados dos relatórios de gestão da saúde indígena seriam mais fidedignos, pelo fato de serem computados diante das informações de natalidade e mortalidade nas áreas indígenas. Ressaltando que segundo Lacerda (2004), há relatos de que 55 grupos de índios ainda permanecem isolados, destes, 12 (doze) já recebem algum trabalho de reconhecimento e regularização da situação fundiária por parte da FUNAI.

Para os indígenas, o consumo de bebidas fermentadas é tão remoto quanto à história de seus ancestrais. Todavia, a cada ano tem se observado o aumento da violência doméstica ligada ao alcoolismo. Entre os Kaingang do Sul do País este fato tem encontrado um amplo aumento de tal violência, detectada pela falta do controle

com o álcool. Entre os Kaiowá do Mato Grosso do Sul, notifica-se um o suicídio como causa do alcoolismo (CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO, 2005).

Múltiplos acidentes com morte foram apontados no estado do Paraná pela mesma implicação. O alcoolismo também é pretexto para o clima de tensão dentro das comunidades e que igualmente exerce a sexualidade desregrada para o grupo, como o caso de abuso sexual e a prostituição nos centros urbanos e em rodovias. Todavia na macrorregião onde a população indígena tem um relacionamento próximo com a população regional, observa-se o aparecimento de outros problemas de saúde relacionados à mudança de vida e a introdução dos novos hábitos alimentares (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL, 2001).

Lima (2012) destaca que os percentuais de alcoolismo e suas causas entre os indígenas são altas, e para que os mesmos sejam compreendidos é preciso que se faça uma análise dos valores culturais e do processo histórico até os dias de hoje. Assim também é importante averiguar o que a sociedade e as políticas públicas realizam a respeito do assunto. O autor referido também enfatiza que faltam pesquisas a respeito desse tema, o que impossibilita a solução dos problemas, já que na maioria das vezes não se tem dados que demonstrem quais são os sujeitos mais atingidos e quais fatores que influenciam o uso de álcool de modo abusivo entre os indígenas.

Diante deste contexto, um estudo que aborde a vulnerabilidade à saúde do índio pelo uso abusivo do álcool é relevante, pois este trará a realidade brasileira a respeito desse assunto, traçando um panorama sobre o tema, servindo como fonte para pesquisas futuras.

2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICO

Este estudo tem como objetivo geral realizar um levantamento bibliográfico relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas entre indígenas.

Este estudo tem como objetivo específico, averiguar os fatores associados à vulnerabilidade dos indígenas sobre a ingestão de álcool.

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi feito por meio de um levantamento bibliográfico integrativo tendo como questão norteadora a vulnerabilidade dos indígenas diante do alcoolismo e com base no retrospecto histórico social.

A revisão bibliográfica integrativa é um tipo de revisão que segue um cronograma pré-estabelecido, que deve orientar todo o processo de revisão, da identificação do problema, ou seja, esta revisão permite ao pesquisador analisar o conhecimento pré-existente sobre determinado tema (SILVA; DAVIM, 2012).

Os conteúdos empregados foram coletados por meio de base de dados de Scielo e Lilacs. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: vulnerabilidade, alcoolismo, população indígena.

Quanto aos critérios de inclusão foram utilizados artigos científicos e tese de doutorado com temas referentes ao trabalho designado, publicados de 2001 a 2013. Serão excluídos, materiais publicados anteriores a 2001, mesmo que estejam retratando sobre o assunto, isso no intuito de oferecer uma revisão de literatura e discussões com base em dados atuais.

4 RESULTADOS

Este estudo bibliográfico buscou averiguar o que a literatura nacional aborda sobre o tema vulnerabilidade ao alcoolismo pela população indígena brasileira. Porque conforme Aureliano; Machado (2012) as etnias indígenas tem sido alvo de estudos antropológicos em relação às suas interações com a sociedade e no âmbito da saúde pública. O alcoolismo tem sido um assunto que preocupa a sociedade brasileira como um todo em virtude dos seus agravos e consequências negativas.

Portanto, na tabela abaixo estão descritos os estudos que enfocaram os fatores associados à vulnerabilidade do uso de álcool pelos povos indígenas.

Tabela 1: estudos brasileiros publicados sobre a vulnerabilidade do álcool entre as populações indígenas

Título	Autor/Ano	Local	Método	Fatores associados à vulnerabilidade do álcool
“As Narrativas de Representantes Indígenas sobre o Uso de Bebidas Alcoólicas dentro das Áreas Indígenas”.	Benite (2001)	Santa Catarina, Mato Grosso, Londrina.	Relatos de casos das etnias guarani, Bakairi, Kaingang	Contato com a cultura de não índios.
Alcoolismo em População Terena no Estado de Mato Grosso do Sul – Impacto da Sociedade Envolvente	Souza; AGUIAR (2001)	Tabigui-Paraná	Estudo de caso	Fatores biopsicossociais e Contato com a cultura de não índios.

“Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira.”	Guimarães; Grubits (2007)		Bibliográfico	Não saber diferenciar o uso de álcool de modo cultural a se transformar em doença.
“O Alcoolismo Entre Jovens Indígenas: Estudo De Uma Comunidade Kaingang No Paraná”.	Ramon; Faustino (2011)	Paraná	Estudo com a comunidade Kaingang	Maior liberdade. Contato com a cultura de não índios.
“Situação De Vida, Saúde E Doença Da População Indígena Potiguara.”	Oliveira et al. (2012)	Baia da Traição-PB	Exploratório, documental e quantitativa com 55 famílias da aldeia São Francisco	Fatores biopsicossociais. Contato com a cultura de não índios.
“Alcoolismo no contexto indígena brasileiro:mapeamento da bibliografia nacional”	Aureliano; Machado (2012)		Revisão bibliográfica	Fatores culturais. Contato com a cultura de não índios.
Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil	Coimbra et al(2003)		Bibliográfico	Fator social e de contato com não índios.
“O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos”.	Pereira; Ott (2012)	Rio Marmelos Amazonas	Estudo de caso na aldeia dos Tenharim	Fatores culturais. Contato com a cultura de não índios.

Diante deste contexto, observa-se que a maioria dos trabalhos encontrados enfatiza que as bebidas destiladas foram trazidas por sujeitos externos, ou seja, são ou não indígenas que introduziram o consumo de bebidas destiladas entre os índios. Cabe ressaltar que a introdução dessas bebidas deu-se desde o tempo antigo, quando os colonizadores e conquistadores utilizavam as bebidas como forma de conquistar os povos tidos como “selvagens”. Assim, o pagamento com cachaça era uma prática corriqueira (BENITES, 2001; SOUZA et al., 2003; GRUBITS 2006; GUIMARÃES & GRUBITS 2007; RAMON & FAUSTINO 2011; OLIVEIRA et al. 2012; AURELIANO & MACHADO 2012; PEREIRA & OTT 2012).

Em relação ao uso de bebidas tradicionais, as bebidas já eram utilizadas em contextos ritualísticos. Assim, nas festas culturais havia limites que promoviam uma prática ordenada e organizada do uso de álcool pelas aldeias. Desta forma, com a chegada das bebidas destiladas, os índios passaram a misturar essas bebidas às que eles fabricavam, passando a utilizá-las em outras ocasiões, mudando também as manifestações culturais, pois, para alguns o uso de bebidas alcoólicas era visto como status e sinônimo de prosperidade, enquanto que para outros era um fator negativo que se associava à preguiça e fraqueza moral (ASSIS, 2001; KOHATSU, 2001; LANGDON, 2001).

Souza; Garnelo (2006) Oliveira et al. (2011) Pereira; Ott (2012) concordam com a idéia dos autores acima, de que as bebidas fermentadas fazem parte de rituais sagrados em diversas etnias indígenas, e não traziam nenhum problema às comunidades indígenas, porque não havia mistura com bebidas industrializadas.

Entretanto, a partir do momento em que houve contato com não índios, havendo a substituição de bebidas fermentadas por industrializadas, foram desencadeados problemas como o aumento da violência. Como exemplo, cita-se o uso de cauim- Kawy (bebida fermentada feita artesanalmente), feito da mandioca, utilizado em rituais após as guerras pelas etnias Tenharim e Matis; esta bebida quase sem teor alcoólico, não trazia embriaguez e mal algum para os mesmos, diferentemente das bebidas destiladas.

Oliveira (2001) também concorda que o costume de utilizar bebidas fermentadas alcoólicas é antigo. O povo Kaingang, utilizava-as associadas ao contexto religioso e profano, regulamentadas por normas sociais. Porém, com a introdução de alambiques para preparar as bebidas alcoólicas é que começaram a surgir problemas relacionados ao álcool nesta etnia.

Ferreira (2004) em sua pesquisa realizada com os Mbyá-guarani do Rio Grande do Sul, destacam o “beber”, como sendo um problema, mencionando o uso de álcool pela etnia indígena, não somente a Mbyá-guarani, mais também nas demais.

É importante que o uso de bebidas alcoólicas pare de ser visualizado somente do ponto de vista cultural, faz-se necessário que haja a separação do uso de álcool em rituais e do uso descontrolado de bebidas alcoólicas, que ocasionam impactos negativos para a vida do bebedor, de sua família e comunidade. Portanto, no caso da etnia Mbyá-guarani, os mesmos relatam que o fato de já não terem mais muitas terras para viver, o extenso contato com os “brancos”, fez com que o consumo do álcool se tornasse um problema descontrolado nas aldeias. Porque para eles:

Segundo Ferreira (2004), alcoolismo é visto como uma doença introduzida pelo homem branco, que reduziu as terras Guarani e trouxe bebidas como a cachaça. Assim então essa interferência impediria o seu modo de ser, e por fim acabaria por separá-lo do *Ñanderu*. Sendo assim ficava sem proteção, o que acabaria por favorecer tanto o uso imoderado de álcool como também as consequências dele decorrentes. Portanto não havendo *Opy* (casa de reza) nem o *Karai* (especialista em medicina tradicional), uma nova ligação com o divino fica difícil, permitindo então que o ciclo vicioso se feche, acarretando na instalação e manutenção do ato de beber como sendo um problema (FERREIRA, 2004).

Portanto, observa-se que há dificuldades em definir o alcoolismo como um problema entre os indígenas, visto que, o conceito necessita ir além da ordem biomédica, deve também abranger as questões sociais e psicológicas de cada etnia. Assim sendo, é preciso que sejam realizados estudos onde os indígenas envolvidos na problemática do consumo do álcool sejam ouvidos, para que as estratégias de prevenção e diminuição do uso de álcool pelas etnias indígenas sejam elaboradas conforme a realidade de cada povo (AURELIANO; MACHADO, 2012).

Em relação aos aspectos negativos que o uso do álcool ocasiona para as

populações indígenas, nos relatos de caso realizados por Benites (2001), onde um representante da etnia guarani, da etnia Bakairi e Kaingang, observaram que a violência é algo bastante presente, tanto que as mulheres ao saber que seus esposos iriam chegar bêbados, já saíam com suas crianças, como elas mesmas dizem “dormir no mato”. Portanto constata-se quão grave é o alcoolismo entre as populações indígenas.

Kohatsu (2001) e Quiles (2001), Aguiar et al. (2001), Oliveira (2001) e Benite (2001) enfatizam que muitos índios consomem álcool, porque dizem que quando bebem “criam coragem”, para resolver “rixas”, brigar. Assim, o álcool é associado à violência. Além destes aspectos negativos, o uso abusivo de álcool poderia estar associado ao aumento dos casos de suicídio, acidentes e sexo fora das regras sociais de cada grupo.

Diante deste contexto, o uso de bebidas alcoólicas é algo que ocorre tanto em populações não indígenas, quanto entre indígenas, pois no estudo realizado por Oliveira et al. (2012) com 55 indígenas da etnia potiguara de Paraíba, 41,8% possuem um membro da família que fazem uso de algum tipo de bebida alcoólica e desses 27,3% relataram que a bebida traz problemas para toda a família, como caso de óbitos ocasionados pela cirrose hepática (5,5%). Entretanto, é sabido que a utilização do álcool é multideterminada e envolve fatores biopsicossociais. Com grande incentivo ao uso, por ser uma droga lícita, e por fazer parte de festividades e relações sociais é que o uso abusivo de álcool ocorre nas mais diversas culturas sejam elas indígenas ou não.

Os Anais do Seminário sobre Alcoolismo e vulnerabilidade às DST(S) /AIDS entre os povos indígenas da Macrorregião sul, Sudeste e Mato Grosso do Sul (2001) registram os problemas de saúde dos indígenas e dentre eles há vários artigos publicados sobre o uso de álcool. Representantes indígenas falam sobre o uso do álcool e seus problemas nas aldeias Guarani, Bakairi, Kaingang, como segue:

- Arthur Benite - Representante etnia Guarani (Aldeia Morro dos Cavalos. SC): alega que o problema do álcool está na falta de terra, que o índio não tem um espaço adequado para que eles possam desenvolver uma cultura, suas plantações simples, onde seu povo não precisa ficar próximo de Rodovia, que acaba próximo a bares e à própria cultura do

branco. Por não ter perspectiva o índio bebe, sua cultura, suas festas perderam sentido. Antes eles mesmos faziam o *cauim* (cachaça) tinha dia, não era constante.

- Darlene Y Tankane- Representante da etnia Bakairi/ Mato Grosso. Os índios Bakairi não tinham o hábito da bebida alcóolica até iniciarem o vínculo de trabalho em fazendas de brancos, onde esses tinham festa de São João, Santo Antônio, São Pedro e nessas tinha bebidas alcoólicas e assim os índios conheceram tais bebidas e trabalhando para trazer roupa para a família, açúcar, café, material utensílios que não tinham também passaram a serem escravos dos mesmos.
- Os fazendeiros traziam a bebida alcóolica para que os índios tivessem mais resistência no trabalho e com a criação de posto de hospital e construção de casa de branco (casa dos postos) ou casa do chefe do posto dos índios, na própria aldeia e os índios eram pedreiros, marceneiros tendo contato com a bebida dos brancos, logo essa estava na aldeia de forma tranquila e comum. Nos dias atuais é proibido, mas os homens conseguem burlar fazendo estratégias como utilização do galão de gasolina, onde põem a bebida. As mulheres não bebem e infelizmente a bebida tem desestruturado a organização dos Bakairi.
- Genilda Maria Rodrigues –Representante da etnia Kaingang/ Londrina (PR) trabalha na FUNAI- A constâncias com as oportunidades de ter um bar perto, e a oportunidade da cesta básica trouxe o comodismo ao índio. Antes ele fazia sua pequena plantação tinha aquela ocupação e obrigação por principalmente ter que se alimentar. Hoje ele espera a cesta básica e enquanto espera se distrai com a cachaça. A violência doméstica é algo comum e triste.

Na primeira fala pode-se destacar o histórico de contato, da colonização e conseqüentemente a falta de terras, situação que, em tese, como dito acima, seria responsável pelo alcoolismo, isso porque como o índio não teria terras para desenvolver suas plantações e sua cultura, deste modo acaba por ir aos centros urbanos ou margens de rodovias confrontando com novos hábitos, ou com o ato de beber fora do proposto pela cultura, ou seja, de forma controlada e ritualística.

As duas falas seguintes reforçam essa idéia, dizendo que os indígenas na busca por trabalho se deslocavam até as fazendas para prestarem serviço aos brancos visto que, supostamente à falta de terra e oportunidade lhes obrigava a buscar novas alternativas de sobrevivência. Nessas fazendas de brancos havia festas típicas do local e também bebidas, assim os índios acabavam entrando neste círculo vicioso, festavam e bebiam, de modo diferente à cultura do indígena.

Por último uma trabalhadora indígena da FUNAI expõe seu ponto de vista em relação ao comodismo do índio em esperar a cesta básica, já que a grande maioria das aldeias recebem doações de alimentos mensalmente, bem como outros utensílios, ofertados muita das vezes pela FUNAI e Ongs. O fato do comodismo dito pela indígena Kaingang acaba por condicionar a vulnerabilidade social a problemas como o alcoolismo, violência e conseqüentemente danos à saúde dos indígenas.

Souza & Aguiar (2001) retratam em seu estudo alguns pontos que reforçam as narrativas acima, dizendo que, o consumo de bebidas alcoólicas por índios é maior em relação à população não indígena. Os autores estudaram sobre os Terenas do Mato Grosso do Sul, e encontraram uma prevalência de 10,1% de alcoolismo na população envolvida. Em outra análise, quando considerou a faixa etária acima de 15 anos a prevalência de alcoolistas foi de 17,6% entre índios aldeados e 19,7% nos que viviam na periferia da cidade de Sidrolândia (MS).

Contribuindo com a mesma idéia, Coimbra JR. e Cols. (2003) em sua pesquisa com a etnia Kaingáng da bacia do Rio Tibai-PR, região de Londrina em Apucarantina, com população de 1.300 pessoas, onde foram entrevistadas 672 pessoas, e 29,9% da população consumiram bebidas alcoólicas no último ano, quando considerado o sexo dos indivíduos, os números foram de 40,1% entre homens e 14,2% entre mulheres.

Estes autores ainda relatam que as referidas “doenças sociais” tiveram aumento entre as etnias dos índios brasileiros, isso evidenciado com a depressão e alcoolismo, o que desencadeou altas taxas de mortalidade, três a quatro vezes além da média nacional. Assim, o alcoolismo é considerado de forma expressiva, uma das principais causas responsáveis pela mortalidade, seja por motivos externos como brigas, acidentes e quedas, como também por condições de saúde agravadas pelo consumo de álcool, no caso: cirrose, hipertensão arterial, doenças do coração, entre outros.

5 EXPERIÊNCIA PESSOAL

Pelo fato de ser indígena da tribo Terena, morando há cerca de 20 anos na Aldeia Jaguapiru de Dourados-MS, e ainda diante de 4 anos trabalhando como enfermeiro da saúde indígena na cidade de Amambai do mesmo Estado, posso afirmar todo o contexto literário como pertinente. A revisão de literatura só vem a reforçar a parte histórica de contato e choque cultural, onde houve interferência da sociedade não índia quanto à cultura e modo de vivência dos povos indígenas do Brasil.

O alcoolismo pode ser considerado o principal fator responsável pela desestruturação social do povo indígena, pois o consumo agora exagerado e sem sentido ritualístico, reflete em violência, miséria, doenças, e conseqüentemente em situação de risco, até de extinção. A miséria vivida nas aldeias associada à má nutrição dos indígenas, propiciam ao adoecimento diante de uma condição imunológica frágil, acarretando no surgimento de doenças como a Tuberculose, que é frequente em sociedades pobres e vulneráveis.

A violência é gritante, e tem sido uma das maiores causas de danos à saúde nas aldeias desde problemas sistêmicos relacionados ao bebedor crônico, como também sequelas resultantes de brigas, onde há ferimentos por arma branca ou de fogo. A falta de fiscalização e o aumento de estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas em áreas indígenas vêm cooperando para uma crescente marginalização de jovens indígenas, que através do álcool acabam entrando em contato com a venda e consumo de drogas.

Contudo, posso dizer que nos dias atuais o alcoolismo, a falta de terra, o aumento da população indígena e as proximidades com as cidades são fatores que levam este povo a falta de expectativa de vida, conseqüentemente a problemas sociais cada vez mais graves e de difícil resolução, aumentando a mortalidade e o adoecimento do índio, o que futuramente pode acarretar na extinção de algumas etnias indígenas do Brasil.

6 ANÁLISE E CONCLUSÕES

Diante do que foi exposto pelos artigos encontrados, o consumo do álcool entre as populações indígenas pode ser separado em duas categorias: o uso de álcool como um “problema social” e o “bebedor problema”. No contexto de problema social diz respeito ao problema de as bebidas industrializadas terem sido apresentadas aos índios pelos não índios. Assim, com a chegada dessas bebidas e com a criação de alambiques, houve a mistura das bebidas fermentadas com cachaça e outros tipos de bebidas destiladas, enquanto o bebedor problema está ligado ao fato do aumento da violência, ocasionado pelo alcoolismo.

Além deste fator, os artigos também demonstraram que as explicações sobre alcoolismo não devem ser restritas aos aportes do modelo biomédico, já que é um problema que envolve fatores sociais e culturais e necessita de recursos explicativos de outras áreas do conhecimento, assim como do envolvimento de outros profissionais como da área social, da psicológica e outras, para explicar o consumo de bebidas alcoólicas pela população indígena. Também é necessário salientar que o uso de álcool ocorre de modo coletivo, assim as ações de intervenção devem abranger a coletividade, mais principalmente devem ser realizadas de modo que atinja as necessidades e realidade de cada etnia indígena.

A partir desses apontamentos sobre o uso de bebidas alcoólicas por indígenas é importante que se reflita sobre quais devem ser os caminhos a serem percorridos para prevenir e tratar o problema envolvendo o álcool.

É preciso que se leve em consideração o fato de que o consumo de bebidas alcoólicas é o resultado entre a interação da substância, a disposição psicológica e o contexto do consumo desta. Assim, a prevenção e terapêutica não são responsabilidade somente das comunidades indígenas, mas também de todos os órgãos envolvidos na questão indígena, além da importância dos profissionais de saúde que trabalham com os indígenas, a fim de desenvolverem ações assistenciais que considerem o significado do consumo do álcool a partir das referências de cada cultura indígena, e não apenas sob a ótica individualista do modelo biomédico.

Portanto, a realização de mais estudos que quantifiquem a vulnerabilidade do uso de álcool e os tipos de problemas que o mesmo acarreta em cada comunidade indígena é importante para que se tracem estratégias conforme a realidade de cada comunidade.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, J. I. et al. *Enfermidades Degenerativas entre os Terena de Mato Grosso do Sul. Uma Abordagem de Aspectos ligados ao Diabetes tipo II e Fatores Correlacionados*. Série Seminários e Congressos, n.º 4, Brasil, 2001.

ASSIS, L. de P.S. *Do Caxiri a Cachaça: Mudanças nos hábitos de beber do povo Dâw no Alto Rio Negro*. Manaus, 2001. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e **67** | Revista de Antropologia – Ano 4 – Volume 5 Letras da Universidade do Amazonas. Manaus Universidade Federal do Amazonas, 2001.

AURELIANO, A. L. P.; MACHADO, E. V. **Alcoolismo no contexto indígena brasileiro: mapeamento da bibliografia nacional**. Revista de Antropologia, ano 4, v. 5, mai., 2012.

BENITE, A. *As Narrativas de Representantes Indígenas sobre o Uso de Bebidas Alcoólicas dentro das Áreas Indígenas*. Série Seminários e Congressos, n.º 4, Brasil, 2001.

BRASIL. *Anais do Seminário sobre Alcoolismo e vulnerabilidade às Dst/aids entre os povos indígenas da Macrorregião sul, Sudeste e Mato Grosso do Sul*. Rev. Secr. de Pol. de Saúde. 13-22.2001.

Brasil. *Relatório de Gestão 2006: Relatório de Gestão 2007/Elaborado por coordenação Geral de planejamento e avaliação CGPLA/DEPIN*. Brasília, Ministério da Saúde; Fundação Nacional de Saúde 2007.

COIMBRA JR.; C.E.A; SANTOS, R.V & ESCOBAR, A.L (Orgs.) (2003). *Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil*. Editora Fiocruz, ABRASCO.

Conselho Indigenista Missionário. *Povos indígenas do Brasil*, 2005. Disponível: <http://www.cimi.org.br> Acesso 21/11/2013.

FERREIRA, L.O. *As “Boas Palavras” dos Xondaro Marãgatu como alternativa para a redução do consumo de bebidas alcoólicas entre os Mbya-guarani*. Revista Tellus. Campo Grande, ano 4 n.7 p.121 – 135, out 2004.

FUNASA. *Relatório Anual de Gestão 2008 Ações do DSEI/MS*. Coordenação Regional de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2008.

GUIMARÃES, AM; GRUBITS, S. *Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira*. Psicol. Soc. Porto Alegre, 19, (1), Jan./Apr., 45-51, 2007.

KOHATSU, M. *O Alcoolismo na Comunidade Kaingáng de Londrina (PR) – Dados Preliminares*. Série Seminários e Congressos, n.º 4, Brasil, 2001.

LACERDA, L. T. A mulher Terena em tempos de AIDS: um estudo de caso da aldeia Limão Verde, município de Aquidauana. 2004. Dissertação (mestrado em história) mestrado em história pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Dourados 2004.

LANGDON, EJ. O que beber como beber e quando beber: O contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações indígenas; 2001.

LIMA, A. S. dos. **Considerações Sobre Alcoolismo Nas Aldeias Amambai e Limão Verde em Amambai, Mato Grosso Do Sul, Brasil.** 22f. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Amambaí, 2012.

MENDES, A; MACEDO, JA. Alcoolismo: Um estudo sobre a importância dos centros especializados na modificação dos ébrios habituais. Rev Est Cient Juiz de Fora, (07), jun., 2012.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. (2000). Sociedades indígenas e a ação do Governo. Brasília, DF: Disponível: http://www.mre.gov.br/portugues/politica_externa/temas_agenda/direitos_humanos/sociedades.asp. Acesso: 21/11/2013.

OLIVEIRA, R. C. C. de. et al. Situação De Vida, Saúde E Doença Da População Indígena Potiguara. remE – Rev. Min. Enferm.;16(1): 81-90, jan./mar., 2012.

OLIVEIRA, M. Alcoolismo entre os Kaingáng: do Sagrado e Lúdico à Dependência. Série Seminários e Congressos, n.º 4, Brasil, 2001.

PEREIRA, P. P. S.; OTT, A. M. T. O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos, AM, Brasil. **Interface-Comunicação Saúde, Educação**, v.16, n.43, p.957-66, out./dez. 2012.

QUILES, M. I. "Mansidão De Fogo" Aspectos Etnopsicológicos do Comportamento Alcoólico entre os Bororo. Série Seminários e Congressos, n.º 4, Brasil, 2001.

RAMON, PCR.; FAUSTINO, RC. O Alcoolismo Entre Jovens Indígenas: Estudo De Uma Comunidade Kaingang No Paraná. Congresso Nacional de Psicologia Escolar e educacional. Maringá, 2011.

SILVA, CA. DA; DAVIM, RMB. Mulher Trabalhadora E Fatores Que Interferem Na Amamentação: Revisão Integrativa. Rev. Ren., 13, (5), 1208-17, 2012.

SOUZA, J. A; AGUIAR, J. I. Alcoolismo em População Terena no Estado de Mato Grosso do Sul – Impacto da Sociedade Envolvente. Série Seminários e Congressos, n.º 4, Brasil, 2001.

SOUZA, M. L. P.; GARNELO, L. Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto indígena. **Revista Latino Americana de Psicopatologia. Fundamental**, n. 2, ju., 2006.